

Vivências interativas e superação de conflitos interpessoais na educação infantil: um relato de experiência

OEIRAS, Michele Cleise dos Santos¹

Secretaria de Educação do Município de Manaus

DINELLY, Vanusa Miranda²

Introdução

Este trabalho trata da experiência vivenciada numa turma de educação infantil do CMEI Dom Bosco, pertencente à rede de ensino do Município de Manaus. A experiência se deu durante o processo formativo no Programa de Tutoria Educacional³, oferecido a professores iniciantes na carreira docente. O interesse é socializar as estratégias utilizadas no intuito de superar as situações de conflitos entre as crianças e contribuir com as práticas de docentes que trabalhem com essa modalidade de ensino.

Nosso olhar foi voltado para a necessidade de ações interventivas ao percebermos que algumas crianças não haviam se adaptado à rotina da sala de referência e nem atendiam aos combinados, apresentando dificuldades na interação e convivência com as demais. Atitudes egocêntricas como disputas por brinquedos, espaços e amizades dos colegas, que resultava em xingamentos, agressões, físicas e choros eram observadas frequentemente.

Diante disso, dialogamos com a tutora educacional sobre a dificuldade em lidar com tal situação e a possibilidade de uma atuação interventiva usando a sequência didática, uma estratégia de ensino sobre a qual estávamos abordando naquele momento do processo formativo. Em comum acordo, elaboramos um plano de ação que, ao mesmo tempo atendesse às necessidades formativas no tocante ao uso de estratégias diferenciadas em nossa prática, como também ao desenvolvimento das crianças.

1Professora da Secretaria Municipal de Educação, especialista em Educação Especial Inclusiva. Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia.

2Mestre em Educação. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/Programa de Tutoria Educacional.

3 A tutoria é uma metodologia de formação em serviço, complementar à outras formações oferecidas pela Secretaria de Educação do Município de Manaus. Visa promover a melhoria dos resultados da aprendizagem, por meio da qualificação das práticas pedagógicas do professor.

Inicialmente houve a necessidade de compreender melhor determinadas atitudes. Para tanto buscamos algumas âncoras teóricas, entre as quais destacamos os estudos de Piaget e Vinha. Em Piaget (1994), compreendemos que o egocentrismo é um comportamento característico da infância, pois a criança se vê como o centro das atenções e o seu ponto de vista é tido como único, sem considerar os demais, por estar centrada nas suas ações. “[...] é uma indiferenciação entre o eu e o meio social”. Para ele o egocentrismo acontece de forma inconsciente, e isso domina sua lógica de ação. Assim, ela não consegue cumprir regras, pois ainda não tem a capacidade de discernir o que deve e o que não deve fazer.

Entre os 3 e 4 anos ela já consegue cumprir as regras por meio da coação de um adulto pelo qual ela nutre respeito. Piaget recorre a Santos (2004, p. 248) para compreender o que ele chama de heteronomia. Para este teórico, “a obediência da criança se dá por razões externas à sua consciência”. Ao contrário, quando as regras são cumpridas por serem compreendidas como necessárias ao convívio com os outros, pode-se dizer que ela supera a heteronomia e começa a desenvolver sua autonomia moral.

De acordo com Piaget (1994, p. 38), “o desenvolvimento da autonomia moral se dá por meio de estágios, e a passagem de um estágio para outro depende de uma estruturação cognitiva e principalmente da interação do indivíduo com o meio”. É através das experiências interativas que ela vai se desenvolvendo e fazendo a transição da forma de pensamento centrado no eu para o pensamento descentrado, quando percebe a existência do outro.

Essas experiências não acontecem de forma isolada ou autônoma, mas em meio às relações verbais e práticas cooperativas que ela vivencia com os adultos e outras crianças. Seguindo a linha de raciocínio de Vinha (2009), é preciso que a criança possa ter experiências de vida social para aprender a viver em grupo e a escola é um local muito apropriado para essa vivência.

Metodologia

As vivências interativas foram direcionadas através de uma sequência didática e organizadas em momentos que envolveram a construção coletiva de regras e combinados, conciliando com outras atividades cooperativas.

1º Momento: Numa roda de conversa apresentamos imagens que retratavam situações de convivência em grupo e pedimos que elas colorissem. Ao concluírem, chamamos para a rodinha, onde dispusemos as figuras no centro e pedimos que as organizassem em dois cartazes. No vermelho seriam coladas as figuras que expressassem comportamentos não

adequados para uma boa convivência, e no verde, aquelas que colaborariam para o respeito, a solidariedade e amizade. Ao final, eles combinaram agir de acordo com o exposto no cartaz verde.

2º Momento: Num teatro de fantoches as crianças dramatizaram uma história que retratou as relações vivenciadas na turma, evidenciando aquelas positivas de respeito e cooperação. Além da dramatização, apresentaram músicas cujo conteúdo exaltavam uso das “palavrinhas mágicas” como bom dia, boa tarde, obrigada, com licença etc.

3º Momento: Com recurso midiático apresentamos os vídeos “Convivência” e “A ponte”, os quais apresentavam situações problema entre os personagens cuja solução positiva se dava através de ações de solidariedade e cooperação entre os personagens. O conteúdo do filme foi explorado numa roda de conversa, onde as crianças expuseram suas opiniões sobre a forma como o conflito foi resolvido.

4º Momento: Cada criança foi incentivada a trazer seus brinquedos favoritos para compartilhar com os colegas. Elas foram estimuladas a não fazer distinção entre brinquedos de meninas e meninos, que o uso era livre, assim como a escolha dos pares para o ato do brincar.

5º Momento: Em duas equipes, as crianças competiram para identificar dois pares de sapatos que estavam misturados entre os outros e calçar os pés das cadeiras com eles. Ali vivenciada a cooperação e a resolução de conflitos.

6º Momento: As crianças trouxeram variados tipos de frutas para colocar em comum durante um piquenique.

Discussão e resultados

Entre as mudanças de atitudes observadas a partir dos momentos interativos vivenciados podemos citar o caso de uma criança que no início do lanche coletivo havia pedido uma maçã inteira, mas após refletir sobre a necessidade de dividi-la, assim o fez.

Outra atitude foi a de uma criança que demonstrava dificuldades em aceitar o gênero oposto nas brincadeiras e em pequenos grupos, mas que após as estratégias realizadas passou a brincar em grupos do gênero oposto da mesma forma em que não fez mais distinção entre brinquedos tradicionalmente tidos como de meninos e meninas.

Além disso, as crianças ficam vigilantes uma com a outra, alertando sobre o cumprimento das regras e combinados em cuja elaboração houve seu protagonismo. Observamos também que elas utilizam com mais desenvoltura as “palavrinhas mágicas”.

Algumas ainda se confundem no emprego correto das palavrinhas utilizando o *Por favor* no lugar do *Obrigado* e vice-versa.

Na interação interpessoal houve uma melhora significativa, pois, já conseguem compartilhar os jogos e brinquedos sem maiores conflitos. Nas rodas de conversas, elas demonstram o hábito de levantar o dedo para falar e esperam sua vez enquanto a outra fala.

Através dos resultados, podemos dizer que a atenção voltada para as situações de conflitos entre as crianças e as vivências interativas proporcionadas vem facilitando a superação do egocentrismo.

Vale ressaltar que a sequência didática foi a estratégia inicial a ser utilizada com foco ao objetivo pretendido. Após sua aplicação, foram planejados e realizados outros momentos, nos quais se intensificou uso de jogos e brincadeiras direcionados para favorecimento das vivências cooperativas.

Conclusão

Os conflitos na educação infantil são bastante frequentes e o tema precisa ser abordado nos espaços formativos. As maneiras, muitas vezes ineficientes da escola lidar com os conflitos, evidencia a necessidade de uma melhor compreensão sobre suas causas, para uma melhor escolha atuação sobre elas.

A experiência apresentada teve um retorno bastante positivo, tanto para as crianças quanto para a professora, pois com a aplicação das atividades vimos a importância de reconhecer a individualidade de cada uma delas. Ao proporcionarmos atividades cooperativas, as engajamos na resolução de conflitos, levando-as a compreender e aceitar o ponto de vista do outro.

Referências

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summius, 1994.

SANTOS Diana Leonhardt dos, et. al. Desenvolvimento moral na educação infantil: o que pensam as educadora. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 2, Maio/Agosto de 2014: 247-254.

VINHA, Tema Pileggi; TOGNETTA, Luciene R. P. **Construindo a autonomia moral na escola. Os conflitos interpessoais a aprendizagem de valores**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.